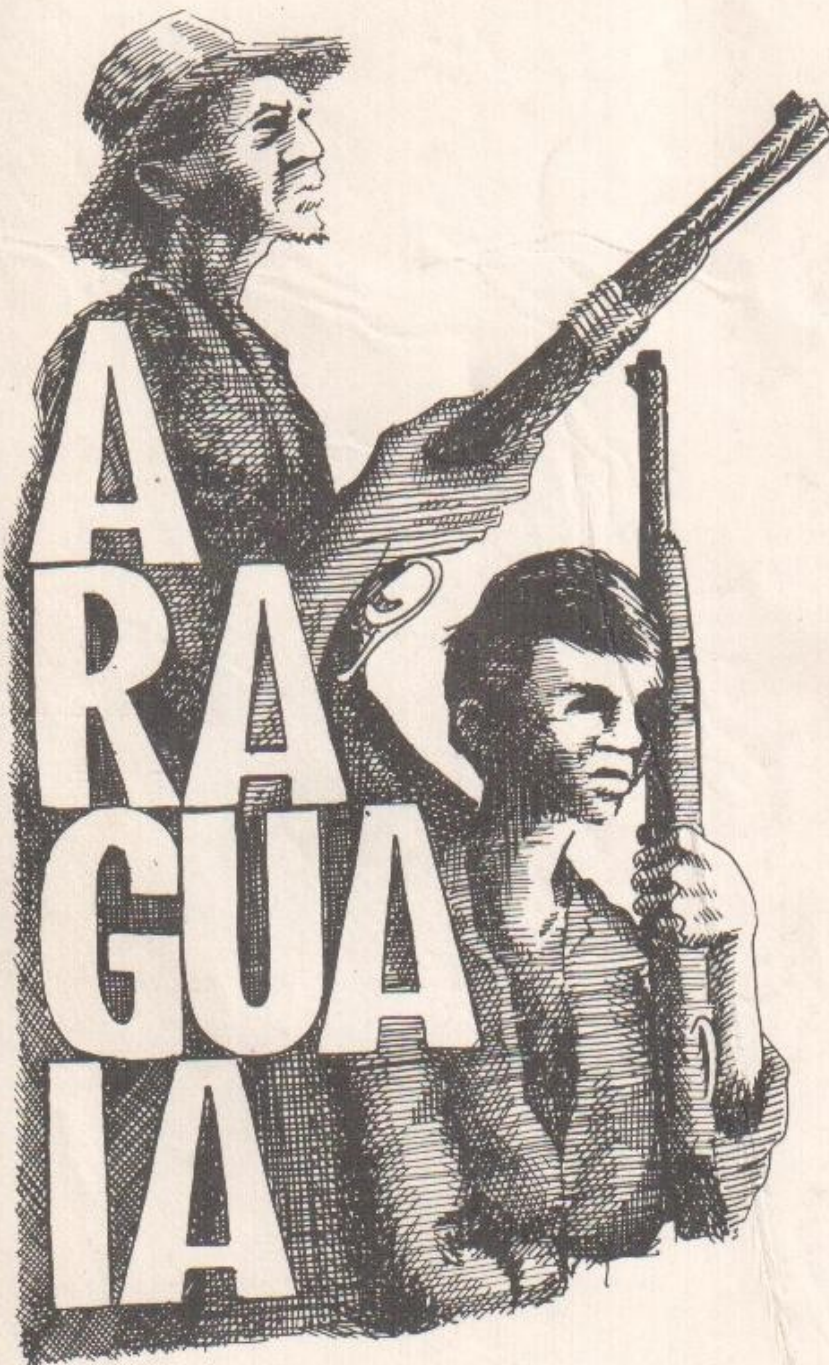
PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ - VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 130 SETEMBRO/OUTUBRO de 1978 ANO XIV

ARAGUAIA

NESTE NÚMERO:

A PANTOMIMA DE 15 DE OUTUBRO

Num clima de pressões de toda a ordem, de chantagens e ameaças, de prisões de opositores, de medidas antigreves, de escandalos de corrupção, de prontidão em quartéis reuniu-se o pseudo-Colégio Eleitoral para sacramentar o nome do escolhido pelo Palácio do Planalto à substituição de Geisel.

Como era de esperar, a maioria dos delegados ali presentes, subordinados ac oficialismo, aceitou a candidatura do general Figueiredo que se torna assim (ou pelc menos se pretende), sem qualquer consulta ou representação popular, o presidente da República para um período de seis anos, a partir de março de 1979.

A eleição não passou de pantomima na qual os atores e coadjuvantes arenistas se comportaram como lacaios e pau-mandados do tiranete de Brasília. Geisel e sua camarilha, na realidade, são os únicos eleitores que decidiram, a seu bel-prazer, quem deve governar o país, que conta com 116 milhões de habitantes.

A imposição de Figueiredo constitui um insulto à nação. Velho policial, obtuso, incapaz de formular uma idéia correta, homem voltado para o ambiente de quartel, para o trato com animais de sua arma, ele expressa em alto grau a incapacidade e o reacionarismo dos que querem continuar a escravizar e esfomear o povo, a submeter o Brasil à feroz espoliação e completa dependência do capital estrangeiro. É um típico representante da oligarquia retrógrada e dos altos escalões das Forças Armadas.

Equivocam-se, porém aqueles que pensam ter alcançado seus fins com a manipulação do chamado Colégio Eleitoral, com a nomeação de governadores e de senadores biônicos. O povo brasileiro jamais se conformará com a decisão espúria. Vai prosseguir, em nível mais elevado, a luta que sustenta há catorze anos contra o arbítrio. A indicação de Figueiredo agravou seriamente a crise política e social em que se debate o país, crise que, agora, atinge inclusive as áreas militares. O descontentamento expande-se com grande rapidez e aumenta o ódio à ditadura. Com indignação crescente, a grande maioria da nação expressa sua aversão ao regime militar que teima em se manter por mais seis anos, ainda que disfarçadamente.

Combativas lutas de diferentes setores da população antecederam a palhaçada de 15 de outubro. A oposição antiditatorial reforçou suas fileiras, desmascarou energicamente o conluio palaciano, revelou o mar de lama que envolve Geisel, Golberi e

seus sequazes. A classe operária entrou em ação, sustentando poderosas greves. Por toda a parte, o povo repetiu suas exigências mínimas – uma assembléia constituinte livremente eleita, a abolição imediata e total de todas as leis de exceção, incluindo a lei de segurança e de imprensa, a anistia geral e irrestrita, assim como a formação de um governo democrático provisório capaz de levar a cabo tais exigências. Estas lutas abalaram o poder dos generais fascistas, criaram uma situação difícil para a continuidade do Sistema imposto pelo golpe de 1º de abril de 1964.

Novos embates, seguramente, aproximam-se. Os trabalhadores, pelo contingente que representam e pelos interesses que defendem, estão chamados a encabeçar grandes jornadas por seus direitos inalienáveis, por melhores condições de existência, pela liberdade política a mais completa. Juntamente com os setores populares e demais aliados antiditatoriais, hão de liquidar definitivamente o arbítrio. Agora mais do que nunca é preciso impulsionar o movimento de massas e manter-se vigilantes. A ditadura, com Geisel ou Figueiredo, deve ser destruída fundamentalmente pelo movimento de massas, pelas lutas decididas do povo sob as formas mais variadas e enérgicas. Somente assim criar-se-ão condições para assegurar a plena liberdade política, derrotar as manobras do Planalto tendentes a contemporizar, impedir que aliados inconseqüentes, democratas pela metade, apossem-se dos frutos da vitória.

Geisel, Figueiredo e seus iguais não deixarão a cena política espontaneamente. Mobilizarão o vasto aparelho repressivo do Estado policial para tentar abater seus opositores. Mas eles estão no fim, têm fôlego curto. Não há força capaz de deter o movimento antiditatotial que avança, em ondas sempre mais altas, rumo à conquista das mais sentidas aspirações populares.

A eleição de Figueiredo foi uma farsa. Como todo embuste, terá o final que merece. O povo dará a resposta devida e no momento oportuno aos encenadores da comédia lastimável. Um poder ilegítimo, antipopular e antinacional, não poderá subsistir indefinidamente. Sua hora chegará.

NOTA DO PC DO BRASIL SOBRE AS ELEIÇÕES

Nota da direção do Partido Comunista do Brasil sobre as eleições parlamentares de 15 de novembro.

Os comunistas não se omitirão nas eleições convocadas para o próximo mês de novembro. Juntamente com as forças democráticas e populares, tudo farão para derrotar, nesse pleito, a ditadura e os candidatos de Geisel.

1 As eleições sob o regime militar constituem um arremedo de consulta popular. Não há liberdade para o debate das idéias e dos programas de interesse do povo. Os eleitores somente podem votar nos candidatos admitidos pelo regime. A propaganda eleitoral é restringida ao máximo, o rádio e a televisão não podem ser utilizados, os comícios são proibidos ou ostensivamente ameaçados pela polícia. Elementos progressistas que conseguem ser eleitos poderão ter seus mandatos cassados diretamente pelo Executivo ou indiretamente pelo Judiciário. Mesmo conquistando maioria nos diferentes escalões do Legislativo, a oposição terá que se submeter às normas do sistema de arbítrio imperante no país.

2 No pleito de 15 de novembro será subtraído aos eleitores o direito de opinar sobre a composição de 1/3 do Senado. Esse terço será preenchido por nomeação de Geisel. Isto faz parte do plano para assegurar uma maioria de fachada no Congresso favorável ao continuísmo dos governos militares. Todas as medidas nesse terreno vêm sendo adotadas pelo Planalto, medidas que envolvem coerções, corrupções, chantagens e fraudes.

3 Apesar de tudo isto, Geisel e os generais fascistas temem o resultado do pleito. Eles têm presente o balanço das eleições de 1974 e 1976. E se dão conta de que, atualmente, acham-se ainda mais isolados e repudiados pela maioria da nação. Suas manobras de pretensas reformas constitucionais não conseguiram enganar a opinião pública, que vê nessas reformas uma burla descarada às promessas de democratização do país. Este é um dos motivos por que Geisel e seus apaniguados intensificam a repressão ao movimento popular e às forças de oposição, recorrendo novamente à censura, às prisões, ao espancamento de manifestantes, indo até a

proibição de viagens de líderes sindicais a Brasília para expressarem seu inconformismo à lei antigreve. Esperam, desse modo, atemorizar o povo e pôr em defensiva os eleitores.

4 Em que pesem, porém, as violências e ameaças, a ditadura sofrerá a 15 de novembro um novo e duro revés. O povo brasileiro irá às urnas manifestar sua decidida oposição a Geisel e ao regime, sua condenação à política de fome, de inflação e carestia de vida, de submissão ao capital estrangeiro, de sufocamento das liberdades, de perseguição a patriotas e democratas. O voto já não será apenas uma arma de protesto, mas também um instrumento de combate. Uma derrota fragorosa da ditadura representará, nas condições atuais, sério golpe aos projetos da reação, contribuirá para desestabilizar o sistema arbitrário e reforçará a oposição democrática e popular.

5 O Partido Comunista do Brasil, antiprestista, anti-revisionista, defensor intransigente dos direitos do povo, chama os operários, os camponeses, os estudantes, a intelectualidade, os democratas em geral a tomarem parte ativa na campanha eleitoral. E a votarem em massa nos candidatos que defendem firmemente a abolição de todos os atos e leis de exceção, a anistia geral e irrestrita e a convocação por um governo democrático provisório de uma Constituinte livremente eleita. Merecem igualmente o sufrágio do povo os candidatos da ARENA que se negarem, no Colégio Eleitoral de 15 de outubro, a votar a favor do reacionário e policial general Figueiredo, tendo em vista a ampliação da frente-única contra o sistema ditatorial.

Os comunistas empenhar-se-ão nessa campanha eleitoral com espírito unitário e sem outros propósitos que não sejam os de mobilizar e esclarecer o povo, ampliar e fortalecer a oposição antiditatorial a fim de derrocar a ditadura e possibilitar a conquista da completa liberdade política.

Setembro de 1978
A Direção do Partido Comunista do Brasil

AUTÊNTICO REVOLUCIONÁRIO PROLETÁRIO, GRANDE MARXISTA-LENINISTA

Enver Hodja completou setenta anos de idade. Sua vida consagrada ao partido dos comunistas, à causa do povo albanês e dos trabalhadores de todo o mundo, é um grande exemplo de fidelidade aos ideais revolucionários, de dedicação à luta pela vitória do socialismo e do comunismo. Modesto e simples, como todo autêntico marxista-leninista, prudente e sério no exame de questões fundamentais e ao mesmo tempo ousado na ação, ele ocupa hoje o posto mais destacado no movimento emancipador do proletariado. Seu nome e sua obra estão ligados à gesta heróica do povo albanês por sua libertação e à defesa intransigente da sábia doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin desfigurada pelos oportunistas e revisionistas.

Enver Hodja é uma personalidade de extraordinário talento que se formou no processo contraditório da luta de classes, tendo por mestres os clássicos do marxismo-leninismo. Ainda jovem, estudante e professor, ele compreendeu o papel do proletariado na sociedade contemporânea e o significado histórico do partido de vanguarda dessa classe. Empenhou-se a fundo, junto com outros decididos companheiros, na construção de tal partido na Albânia a fim de levar a cabo a revolução e a edificação do socialismo. A tríade proletariado-partido-luta de classes é uma constante que acompanha o seu pensamento político e lhe permite orientar-se com acerto em todas as circunstâncias. Os pontos de vista que defende partem sempre dos interesses do proletariado e da revolução que têm no partido o seu intérprete e realizador conseqüente e na luta de classes a arma da vitória contra a burguesia.

A ascensão de Enver Hodja no quadro político albanês e mundial não se fez de improviso. Ele percorreu à frente do Partido e do povo da Albânia um longo caminho, cheio de dificuldades e de constantes perigos. Teve de enfrentar não apenas os inimigos abertos, armados até os dentes, como também inimigos camuflados, acobertados com o falso manto do socialismo, alguns em posições proeminentes. Em cada batalha, comprovava-se a justeza de seu posicionamento e a correta orientação que seguia. Aumentava seu prestígio. E assim foi-se impondo e se formando como intrépido revolucionário proletário, eminente marxista-leninista. Jamais se autopromoveu ou atuou visando a alcançar postos dirigentes. Elevou-se à liderança inconteste que hoje exerce na Albânia e no movimento revolucionário mundial por seu valor próprio, sem outra preocupação que não fosse a de servir o povo trabalhador e contribuir para a vitória do socialismo.

O marxismo-leninismo ensina que são as massas, guiadas por um partido de vanguarda, que fazem a história. Ressalta, simultaneamente, o papel do indivíduo, do dirigente, se este interpreta corretamente a realidade, a tendência histórica do movimento social e sabe desempenhar sua função intimamente ligado às forças revolucionárias. Não se pode negar o gigantesco papel representado por Lênin na Grande Revolução de Outubro. É um bem, um imenso fator de êxito, a existência de chefes experimentados e clarividentes. Quando o movimento revolucionário encontra e destaca dirigentes capazes, à altura da situação, acha-se indiscutivelmente mais próximo da vitória. Neste caso está Enver Hodja, um dos chefes mais lúcidos e capazes do nosso tempo. Ele viu claro – antes que todos e com mais profundidade – o perigo que representava o inimigo de classe embuçado nas fileiras comunistas. Depois de Stálin, foi quem melhor compreendeu o significado do titismo, sua atuação corrosiva no campo socialista, seu desempenho diversionista nos países atrasados ou pouco desenvolvidos. Todos os que traíram o socialismo, "reabilitaram" Tito e seus sequazes. Do antigo campo socialista, a Albânia foi o único país que se manteve firme no desmascaramento dessa corrente oportunista a serviço da reação e do imperialismo. Enver Hodja e o PTA foram os primeiros, após o XX Congresso do PCUS, a se opor com decisão às teses antimarxistas-leninistas de Kruschov. Nenhum dos partidos comunistas então existentes no mundo atacou tão dura e fundamentadamente o kruschovismo, nenhum mostrou-se mais conseqüente na revelação de seus negros desígnios. Em 1964, foram ainda Enver Hodja e o PTA os primeiros a denunciar Brezhnev e seus seguidores. Enquanto os comunistas chineses, orientados por Mao Tse-tung e Chu En-lai, alimentavam ilusões no substituto de Kruschov, enviando inclusive uma delegação oficial a Moscou para entender-se com os novos dirigentes revisionistas, os albaneses alertavam os trabalhadores de que Brezhnev não passava de simples continuador do kruschovismo sem Kruschov. Coube igualmente a Enver Hodja e ao PTA os primeiros brados de alerta contra o maoismo e suas teorias anti-revolucionárias. O informe ao VII Congresso do PTA, de Enver Hodja, e o artigo A Teoria e a Prática da Revolução, armaram, teórica e politicamente, o movimento comunista mundial de uma correta compreensão das tarefas atuais e sobre o caráter revisionista das teses e conclusões chinesas.

Não por acaso a Albânia sobreviveu ao surto revisionista contemporâneo. Afinal, por que degeneraram outros países socialistas e a Albânia não? De certo modo, ela reunia mais condições desfavoráveis: era o país mais atrasado da Europa, possuía um proletariado muito pequeno e tinha um partido relativamente novo. E no entanto resistiu, manteve-se fiel ao marxismo-leninismo e se conserva como um farol do socialismo no velho Continente e no mundo. Isto se deve, em boa parte, a firmeza e a perspicácia de Enver Hodja que, à frente do PTA e do seu Comitê Central, soube esclarecer e mobilizar o povo albanês para a luta em defesa da ditadura do proletariado e da pureza do marxismo-leninismo. Ele tirou justas conclusões do que ocorrera no PCUS após a morte de Stálin, jamais transigiu com os inimigos ou se deixou levar pelas influências estranhas simuladas de marxismo criador. Quando se lê a obra de Enver Hodja – e ele nunca deixou de registrar claramente seu pensamento em face de cada situação e de cada acontecimento de maior vulto – ressalta a acuidade com que analisou os fatos, a clareza do seu pensamento dialético.

Enver Hodja não apenas se opôs ao oportunismo no terreno político. Ele fez brilhante defesa do marxismo-leninismo, tanto na esfera da teoria como na da prática

revolucionária. Combatendo as teses errôneas dos revisionistas, amalgamadas no arsenal da velha social-democracia mas apresentadas como desenvolvimento da doutrina do proletariado, ele demonstrou a natureza enganadora dessas teses, o que representavam e aonde conduziam. Seus autores afastavam-se totalmente do caminho da revolução. Expondo suas opiniões, Enver Hodja salientava os princípios fundamentais da ciência marxista-leninista, generalizava a experiência da prática da luta de classes. Atuava como na época em que viveram Lênin e Stálin, destacando a essência crítica e revolucionária do marxismo-leninismo desdenhada e ocultada pelos oportunistas. E desse modo, contribuía para preservar as tradições do movimento operário, para defender a pureza de sua doutrina científica.

Enver Hodja é um grande chefe revolucionário, um verdadeiro combatente de vanguarda. Aos setenta anos, cultiva um sadio entusiasmo proletário, exprime confiança ilimitada na vitória da revolução, da causa gloriosa do socialismo e do comunismo. Trabalha como um jovem e pensa como homem de ação, que domina as leis do desenvolvimento da sociedade e abre caminhos novos à humanidade progressista. Seu horizonte político abarca o imenso campo de combate da classe operária e dos povos no momento presente e se estende para o futuro, para as batalhas finais contra o capitalismo agonizante.

Que viva ainda muitos anos o camarada Enver, para a felicidade do povo albanês e para o bom êxito da revolução mundial!

MENSAGEM A ENVER HODJA

Mensagem enviada pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil ao camarada Enver Hodja, quando da passagem do seu 70º aniversário, ocorrido a 16 de outubro.

Querido camarada Enver

Pela passagem do seu 70º aniversário, apresentamos-lhe, em nome dos marxistas-leninistas brasileiros e do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, as mais calorosas felicitações, os nossos cumprimentos afetuosos de irmãos do mesmo ideal e da mesma trincheira de combate.

Imensa é a nossa alegria pelo transcurso desta data. Setenta anos na vida de um revolucionário que consagrou sua existência à mais bela e nobre das causas representam um acontecimento de profundo significado, um motivo de júbilo para o seu povo e seus camaradas, um grandioso exemplo para a juventude.

A vida do camarada Enver tem sido uma trajetória brilhante de luta e de dedicação sem limites à classe operária e às massas trabalhadoras da Albânia e de todo o mundo. O camarada Enver deu o melhor de suas energias e de sua inteligência à construção da vanguarda do proletariado, do Partido, que é, no dizer dos albaneses, o coração e o espírito do povo, sem o qual é impossível a vitória da revolução e a edificação da nova sociedade. Fundador do Partido Comunista, hoje, Partido do Trabalho da Albânia e seu principal dirigente durante quase quatro décadas, elevou-o, vencendo inúmeras dificuldades e conquistando êxitos gloriosos, ao destacado lugar que hoje ocupa na nação albanesa e no movimento comunista mundial. Esta magnífica experiência ensina que somente um partido combativo e persistente, baseado na ciência social mais avançada, pode cumprir sua missão, vencer os inimigos e destruir todos os obstáculos que se erguem em seu caminho.

Sua contribuição, camarada Enver, à defesa do marxismo-leninismo, em prol da pureza da doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin, tergiversada pelos oportunistas, tem

valor inestimável para o triunfo da revolução e do socialismo. O camarada Enver esteve sempre nas primeiras linhas da árdua luta contra as concepções revisionistas. Desde o surgimento dessas concepções, por mais camufladas que estivessem, captou-lhes o sentido contra-revolucionário e fez soar forte o alarma conclamando ao combate geral todos os militantes honrados do movimento operário e comunista. Contra o titismo e o kruschovismo, contra o maoismo trimundista, o camarada Enver manejou com habilidade e eficiência a arma afiada da crítica de princípios que não permite escapatórias aos traidores da causa proletária. Atuou sempre com firmeza e coerência admiráveis, apoiado nos ensinamentos imortais dos clássicos do marxismo, ajudando o movimento revolucionário a reerguer-se e a desempenhar o seu papel de força transformadora da sociedade. Justamente por isso, os revisionistas contemporâneos, particularmente os soviéticos e os chineses, concentraram seu ódio no PTA e no seu dirigente máximo e tentaram golpear a construção da nova Albânia. Mas o ódio de tais inimigos somente pode honrar o camarada Enver, que conta com o apoio, a admiração, o amor e o respeito dos povos oprimidos e explorados.

Nós, os comunistas brasileiros, apreciamos suas qualidades de homem modesto e de trato fraternal. Revolucionário ardente, que não transige com os erros nem com a violação de princípios, o camarada Enver mantém uma atitude de profunda compreensão dos problemas humanos, das relações com as pessoas simples do povo e com os seus camaradas. Manifesta constantemente sentimentos de afeição e carinho, sem distinção, a todos os homens e mulheres que trabalham e constroem a grandeza da pátria socialista. Dedica particular atenção, com espírito de igualdade e até de humildade, aos contatos com seus camaradas de outros partidos proletários que o procuram e o ouvem atentos e reconhecidos. O camarada Enver é um verdadeiro comunista, cujo ideal mais elevado, que impulsiona seus melhores sentimentos, encontra-se na luta por uma sociedade sem classes, livre da exploração do homem pelo homem.

Alegramo-nos e enchemo-nos de entusiasmo por ter como companheiro de armas um revolucionário provado do valor moral de Enver Hodja, o mais lúcido, capaz, firme e decidido combatente da grande causa da libertação nacional e social dos povos. Orgulhamo-nos de que o PTA e o camarada Enver, por suas posições conseqüentes, encontrem-se à vanguarda do movimento comunista mundial. Isto reforça nossa confiança na justeza do caminho que juntos trilhamos os marxistas-leninistas de todos os países, tendo por meta alcançar a vitória definitiva sobre o capitalismo bestial e sanguinário.

Receba, querido camarada Enver, na data do seu natalício, nossas efusivas saudações, acompanhadas dos votos que fazemos, de todo o coração, para que tenha uma vida longa e feliz, devotada por inteiro ao bem-estar do povo e à emancipação social dos trabalhadores.

João Amazonas
Em nome do Comitê Central
do Partido Comunista do Brasil

Em 16 de outubro de 1978

EXPLORAR TODAS AS BRECHAS, LEVAR ADIANTE A LUTA CONTRA A DITADURA

Guilherme Alves

A panorâmica política de nosso país registra um processo dinâmico, cuja característica mais saliente é o avanço da luta contra a ditadura. Surgem e se renovam fatores que exigem grande atenção de nosso Partido no tratamento das questões táticas e estratégicas, a fim de acrescer novos impulsos à desagregação do regime militar, até seu completo aniquilamento. Desde já, uma coisa é certa: o movimento popular, peça-chave desse processo, ingressou numa fase de maior combatividade e revela disposição de prosseguir reivindicando direitos políticos e econômicos. Trata-se, pois, de desenvolver ao máximo esse potencial, fazendo evoluir seu nível de organização e de maturidade política.

Mas não é suficiente compreender o estágio presente da oposição popular nem tampouco limitar nossa ação a esta vertente. Ou melhor dizendo, é necessário alargar o campo de análise da conjuntura atual, detectar a real movimentação das diversas classes e camadas sociais na luta pela realização de seus interesses, identificar as tendências dessa movimentação, bem como as alianças e contradições que surgem e se desfazem entre classes e frações de classes. Para tanto é inadmissível os esquematismos estranhos ao marxismo-leninismo, particularmente quando se trabalha com a tática e a direção estratégica.

Um dos problemas atuais que exige nossa atenção são os elementos que estão contribuindo para acentuar o impasse político do regime entreguista e antidemocrático dos generais fascistas. Além do impulso cobrado pelo movimento popular, o desdobramento da crise econômica brasileira introduziu um novo fator naquele impasse: o aguçamento das divergências entre as classes dominantes. Freqüentemente, esses conflitos têm sido incompreendidos ou pelo menos subestimados. Da mesma forma, relega-se a um segundo plano o devido aproveitamento desses conflitos, diluindo-se oportunidades que brotam objetivamente da realidade social e que poderiam ser canalizados para acelerar a desagregação da ditadura. Vale a pena refletir sobre esta questão, corrigir incompreensões e passar a ações que permitam o movimento popular seguir adiante com mais velocidade em sua trajetória.

As contradições entre as classes dominantes não constituem nenhuma novidade no sistema capitalista. Formam um componente objetivo desse sistema. Pode-se mesmo dizer que estas classes e suas frações estão empenhadas em permanente disputa pela hegemonia do Poder e a realização de interesses econômicos. Ora predomina uma fração

ora outra, havendo, em geral, alianças entre elas visando assegurar a dominação de classe. Por sua natureza, estas classes e frações estão agrupadas em um bloco, o dos opressores, unido pelo interesse comum do lucro. Mas em seu interior subsistem conflitos, que, por vezes, devido às suas proporções ultrapassam os muros do bloco no Poder. Em muitos casos, essas divergências são contornadas transitoriamente por um novo pacto, cuja efetiva duração depende das concessões feitas intramuros. Quando isto não ocorre, a aliança é desfeita e as frações burguesas descontentes procuram reunir forças e aproximar-se até de seus adversários de classe, o proletariado e as massas trabalhadoras, a fim de deslocar os rivais temporários.

Naturalmente, quando o epílogo dessa disputa premia as frações burguesas descontentes não poderá se esperar qualquer alteração na essência da exploração das massas. No entanto, no correr desse processo de conflitos, várias brechas são abertas para o movimento popular. A própria burguesia, ao buscar ajuda dos oprimidos, desperta-os, de certo modo, para a luta política.

Em sociedades do tipo da brasileira, de capitalismo dependente, com uma base social complexa, sujeita a um maior fracionamento das classes exploradoras, essa dinâmica de unidade e luta no seio do Poder burguês é ainda mais presente. O equilíbrio de interesses torna-se mais difícil, particularmente nos momentos de crise econômica. É precisamente neste contexto que assistimos a um empolgamento dos conflitos no seio da ditadura militar, comprometendo seu esquema de sustentação. Mais grave ainda porque as fissuras se produzem nos influentes grupos monopolistas nacionais e redespertam os protestos da burguesia não monopolista e mesmo de latifundiários aburguesados. Os reflexos dessa animosidade são notórios nos mais variados escalões das Forças Armadas, traduzindo-se em pronunciamentos favoráveis ou contrários ao propalado Sistema.

Não se trata de simples reivindicações dessa ou daquela fração burguesa, mas de conflitos em torno de questões-chave da estratégia econômica do regime militar. É o caso, por exemplo, dos protestos dirigidos às francas concessões feitas ao capital estrangeiro. Deste patamar salpicam as inquietações das pequenas e médias empresas (hoje ainda responsáveis por mais de 55% do Produto Nacional Bruto), que encontram dificuldades para sobreviver, seja pela ação dos grandes monopólios internacionais, seja pela falta de apoio do governo militar. Salpicam, igualmente, os pronunciamentos e contra-pronunciamentos sobre a "lei da similaridade", que a ditadura, por pressão do capital financeiro internacional, pretende eliminar, golpeando setores da indústria nacional.

A estatização ou desestatização da economia é outro alvo dos conflitos, contrapondo interesses da burguesia monopolista ligada à indústria de bens de capital – que tem no Estado seu principal cliente – e da burguesia monopolista financeira, empenhada em se livrar da incômoda presença de um concorrente como o Banco do Brasil ou o Banco Nacional de Desenvolvimento, BNDE.

Outro indício é o questionamento que se faz à política de subsídios à exportação de manufaturados e semimanufaturados.

São algumas evidências de desdobramento dos conflitos inter-frações descontentes das classes dominantes. Seu deságüe no plano político foi inevitável, à medida que o Sistema hermético de decisões do regime militar impede a fluência do jogo de interesses das classes altas. Surgiu, assim, outra vertente oposicionista, que, em certa medida, tem pontos em comum com o movimento popular, quais sejam: a liquidação da ditadura e o estabelecimento da liberdade política. Aqueles setores burgueses convenceram-se da impossibilidade de fazer prevalecer seus interesses de classe nos limites de um regime fechado, lançando-se ao campo da aberta oposição antiditatorial.

No tocante aos principais problemas do país, os projetos desse setor oposicionista estão distantes das soluções ansiadas pela nação. Não se cogita de exaurir a grande influência dos monopólios internacionais. Propõe-se, quando muito, uma "legislação mais disciplinadora do capital estrangeiro". Uma reforma agrária radical sequer é lembrada. Mesmo o fim da ditadura e a conquista de liberdades democráticas terão sentidos diferentes para o movimento popular e para a oposição burguesa.

Surge a pergunta: convém somar forças com essa corrente oposicionista? Sim, num plano estritamente conjuntural. Para o movimento operário, que, em última instância, luta pelo socialismo e a sociedade sem classes, não constitui novidade a aproximação de frações burguesas em pugna com setores burgueses hegemônicos. Sabemos que as frações burguesas, hoje descontentes, buscam as forças que fazem oposição mais conseqüente visando assegurar apoio para deslocar a fração hegemônica, apossar-se do Poder, estabelecer a defesa de seus interesses. Pretendem, outrossim, subtrair qualquer conteúdo revolucionário das forças populares e brindar-lhes com alternativas reformistas para suas aspirações. No entanto, isso não invalida uma frente com esses setores, objetivando desfechar golpes no inimigo central. Referindo-se ao aproveitamento de situações como esta, Lênin dizia: "Só se pode vencer um inimigo mais poderoso pondo em tensão todas as forças e aproveitando, obrigatoriamente, com o maior empenho, minúcia, prudência e habilidade, a menor *brecha* entre os inimigos, toda a contradição de interesses entre os diferentes grupos ou categorias da burguesia no interior de cada país; há que aproveitar, igualmente, todas as possibilidades de conseguir um aliado de massas, ainda que seja temporário, vacilante, instável, pouco seguro, condicional. Quem não compreende isto não entende nem uma palavra de marxismo nem de socialismo científico, contemporâneo, em geral". (Lênin, O 'Esquerdismo' Doença Infantil do Comunismo).

No desenvolver desse processo, não se apagam as fronteiras entre opressores e oprimidos, o movimento popular revolucionário mantém sua independência. Persiste em suas bandeiras de luta e mobiliza-se cada vez mais ampla e intensamente. Esses são fatores indispensáveis à derrubada da ditadura. Procura-se, assim, assegurar uma maior correlação de forças para o campo dos oprimidos, para que, em novas condições, estes possam dar continuidade à luta pela plena liberdade política em posições mais vantajosas.

Muito já se conquistou com a situação complexa criada no país. Porém muito mais poderemos conquistar, desde que aproveitemos as oportunidades surgidas sem laivos de sectarismo e ilusões numa vitória fácil. Importa explorar todas as brechas abertas em momentos de transição como o que vivemos, impulsionar a campanha pela revogação dos atos e leis de exceção, pela anistia ampla e irrestrita e a convocação, por um governo democrático provisório, de uma assembléia constituinte, livremente eleita, encaminhar as reivindicações mais imediatas das massas.

Sem dúvida, a realização do plano tático do proletariado e das massas populares ingressou numa etapa nova, exigindo flexibilidade, firmeza de princípios e clara perspectiva revolucionária. Só assim o triunfo será assegurado. A ditadura agoniza e a concentração de forças oposicionistas apressará a debacle desse regime, odiado por nossa gente.

O DIREITO DE GREVE SE CONQUISTA COM A GREVE

Joaquim Freitas

As greves de São Paulo marcam a passagem das lutas da classe operária para um nível superior sob três aspectos. Primeiro, por ter alcançado vastas camadas de operários das diversas categorias profissionais, realizando na prática a unidade da classe, que a ditadura procura impedir e que tende a se expandir a nível nacional; segundo, por ser um movimento surgido nas bases e sustentado pela decisão das próprias massas e não decretado por cúpulas sindicais; terceiro, por marcar a passagem à ofensiva da classe operária na luta por seus direitos. Isto fica claro na sua atitude frente à lei 4330, que impede o uso desse direito. Por sua ação, o proletariado faz com que seus direitos assumam uma existência real, apoiados na sua própria força e unidade. O seu direito de greve passa a existir a partir do momento que a classe operária tem força para fazer a greve. A grande importância dessa ação está em que, partindo de reivindicações de caráter econômico, impõe à ditadura uma derrota política, ao tornar letra morta essa peça-chave da política do arrocho que é a lei antigreve.

Do magnífico exemplo de decisão, de coragem e de organização, fruto de um longo aprendizado, através desses catorze anos de ditadura, de luta contra o arrocho salarial, contra os pelegos, contra as variadas formas de repressão do Estado e das empresas, temos que tirar essa lição essencial: o direito de greve se conquista pela greve. Nenhum direito nos será dado. Terão que ser conquistados e impostos pela nossa força. Conquistados na prática pela luta organizada e decidida.

Compreendendo o avanço dado pela classe operária, a ditadura teme por sua sorte. Diante dela já se descortinava o avanço da oposição democrática de vários setores sociais. A revolta do povo brasileiro contra sua dominação aperta-a de vários lados. Cresce a luta contra a carestia; organizam-se movimentos pelos direitos humanos e pela anistia; os estudantes vão para as ruas com a bandeira da liberdade; setores intelectuais e religiosos se colocam de maneira mais decidida na oposição ao regime; os moradores dos bairros periféricos se organizam e pressionam pela solução das difíceis condições em que vivem; secularmente explorados e barbaramente oprimidos pelo latifúndio, que se escuda na ditadura para sobreviver, os trabalhadores do campo se revoltam e, em alguns lugares, tomam as armas para garantir a sua existência.

Diante desse quadro, a ditadura não poderia menosprezar o passo dado pelo proletariado. A ameaça de que um movimento como esse se estenda por todo o país tira o sono aos donos do poder. Ainda mais quando a greve, tradicional forma de luta do

proletariado, se estende para outros setores assalariados, como médicos, professores, bancários.

De uma atitude inicial de aparente tranqüilidade, imediatamente após o movimento de São Paulo e ABCD, a ditadura tentou passar à ofensiva com novas ameaças. Com a transferência a DRT da decisão sobre ilegalidade dos movimentos grevistas e inclusão de novas categorias profissionais nos chamados setores de segurança nacional tenta erguer uma barreira, sustentada pelo aparato policial, contra o avanço do movimento. Com isso não faz mais do que acelerar a passagem das lutas a um nível mais alto. A classe operária e demais trabalhadores só têm motivos para continuar a luta. As suas condições de vida pioram cada vez mais.

Por outro lado, as "reformas" que a ditadura oferece como alternativa têm fôlego curto e não atendem a ninguém, a não ser à sua necessidade de manter o poder.

Quando as lideranças operárias se mobilizam para viajar a Brasília a fim de pressionar o Congresso contra as "reformas", a ditadura tenta, da maneira a mais descarada e ridícula, proibir a viagem. Com isso não faz mais do que se desmascarar perante o povo, dando o exemplo de que as leis existem para atender a conveniências, e quando elas causam embaraços, são violadas. São esses senhores que, com o maior cinismo, querem julgar da legalidade ou ilegalidade da atitude dos trabalhadores!

Se a classe operária não deve temer nem respeitar a "legalidade" da ditadura, também não pode alimentar ilusões falsas. Se, por um lado, a candidatura Euler e o surgimento da Frente de Democratização mostram a divisão das classes dominantes e de seu principal sustentáculo, as Forças Armadas, por outro lado as correntes populares e o movimento operário não podem subestimar a capacidade de reação da ditadura.

Não se pode deduzir que agora tudo andará de vento em popa, numa trajetória linear e uniforme. Estamos saindo de um longo período de luta defensiva, de penosa acumulação de forças ou simplesmente de calmaria, que deixou suas seqüelas. São imensas as tarefas que se colocam para os comunistas, para todos os operários e trabalhadores conscientes. Urge consolidar e multiplicar as conquistas do movimento grevista, traduzí-las em avanços na consciência política e na organização dos setores que se mobilizaram ultimamente, em particular nas grandes empresas. Parcelas numerosas e selvagemente exploradas do proletariado urbano e rural ainda não se incorporaram à luta, a não ser timidamente. A geografia das greves até agora se circunscreveu no fundamental ao Estado de São Paulo, cujo exemplo pode e deve ser seguido pelos trabalhadores no país inteiro, como aconteceu com os operários da Belgo, em Monlevade, e da Manesmann, em Contagem, Minas Gerais.

A velha estrutura sindical de inspiração fascista, sob controle da pelegada, está sendo contestada, apresenta brechas, mas continua de pé. A cristalização de uma corrente sindical combativa e de massas exige hábil política de alianças e sobretudo trabalho intensivo junto às bases, nas empresas e sindicatos. Muitas bandeiras de luta, como as da livre organização sindical, da anistia, da Constituinte, já foram empunhadas pela classe operária, mas ainda precisam transformar-se em palavras de ordem de ação que coloquem em movimento muitos milhares de trabalhadores. Acima de tudo faz-se

necessário incutir no proletariado e nos trabalhadores a consciência de que a crise que recai sobre seus ombros tem um forte componente econômico-social, mas é em primeiro lugar uma crise política, do regime militar-fascista no poder. E, como tal, tem de ser resolvida no plano político, com o deslocamento das forças no poder, com a derrocada desse regime, no bojo de um amplo movimento democrático de massas.

O movimento operário mostra compreender essa ligação entre as suas reivindicações imediatas e específicas e a luta política geral contra o regime. A articulação já visível de uma tendência independente e classista nos sindicatos ganha terreno não só com as vitórias das oposições sindicais, mas também com a radicalização de vários líderes influentes, descomprometidos com o peleguismo e sensíveis à pressão vinda das bases. É uma corrente que se esboça, com reivindicações que vão do plano propriamente sindical até à anistia geral, o fim do arbítrio, a assembléia constituinte. Isso se expressou no programa da oposição no Congresso da CNTI. Encabeçando as reivindicações específicas da classe operária, aparecem as principais bandeiras da oposição à ditadura – a anistia, a revogação dos atos e leis de exceção e a constituinte. Esse programa pode servir de bandeira de unidade para o movimento operário. Levado às fábricas para o conhecimento amplo de todos os operários, organizando-se discussões nos sindicatos e fora deles, esse programa, na medida em que seja aceito pela grande massa operária, servirá de ponto de referência para iniciativas combativas das massas. Ao mesmo tempo, servirá de bandeira de unificação para a atual fase de luta contra a ditadura, entre o movimento operário e as demais forças democráticas do país. Nos seus pontos de luta gerais, contém as aspirações imediatas comuns a todas essas forças.

É preciso combater com a maior energia toda tendência que procura isolar o movimento operário das demais forças democráticas. O operariado não só precisa unir suas forças às demais correntes, como ainda lhe cabe o papel dirigente nessa luta pela liberdade. Ninguém necessita mais da liberdade do que o proletariado. Ninguém mais do que ele pode ser conseqüente na luta pela democracia. Nas suas mãos calejadas estão as máquinas que produzem os bens fundamentais de que a sociedade necessita. Se os operários param, tudo pára. Por isso ele desempenha tão importante papel na luta contra a ditadura, na luta pela liberdade e pela democracia. Dizer que o proletariado comanda essa luta, que cabe a ele o papel dirigente, não é uma simples frase desprovida de razão. O peso de sua ação é decisivo.

Quem pretende isolar o movimento operário dos seus aliados, com o argumento de que ele pode ser envolvido por essas forças e perder o rumo, mostra que não confia na classe operária, que não compreende o longo aprendizado da classe operária brasileira em toda a sua trajetória de lutas. Com ele amadureceu o seu Partido de vanguarda, o PC do Brasil, que, confiando na força e no papel histórico que o proletariado está chamado a desempenhar na revolução brasileira, aponta com segurança o caminho a seguir.

Os revisionistas de Prestes, quinta-colunas da burguesia fantasiados de comunistas, com palavras nebulosas a respeito da revolução pregam a conciliação dos interesses da classe operária com seus exploradores. Quando os operários tomam atitudes mais decididas eles se somam ao coro da burguesia tentando amedrontar a classe, afirmando que se esta radicaliza as suas lutas pode provocar a unificação das classes dominantes e torná-las mais fortes. Na verdade a burguesia hoje se divide justamente por causa do

avanço das lutas populares, que faz com que cada grupo das classes dominantes, ao tentar preservar sua parte, entre em conflito com outros na resposta a dar às reivindicações populares.

Os prestistas são traficantes que procuram tirar proveito do embate das forças populares contra a ditadura, em benefício dos seus interesses mesquinhos. Não é por outro motivo que em seu último manifesto relativo às eleições de novembro elogiam as Forças Armadas da ditadura. São pelegos duma outra natureza, com suas pregações conciliadoras. Eles freiam as lutas sociais. A classe operária não pode dar abrigo em seu seio a esses traidores da classe, que já mostraram a sua verdadeira fisionomia em 1964, sob pena de minar as suas próprias forças.

Os verdadeiros comunistas ligam-se às massas, procuram conhecer os seus anseios, aprendem com a sua combatividade e tomam o partido das causas populares, buscando vinculá-las estreitamente com os interesses da classe operária.

Dos últimos movimentos grevistas tiremos essa lição essencial:

– A greve se conquista com a greve!
– A liberdade e a democracia se conquistam na luta!

"A conquista da liberdade tem de ser encarada como a extinção de todos os entraves à livre atividade do povo. Deve expressar-se no direito de constituir partidos políticos, formar sindicatos, ligas e uniões camponesas, centros estudantis e qualquer tipo de organização popular sem interferência governamental; na livre manifestação do pensamento; na edição de livros e jornais isentos de censura; na autonomia universitária; na criação artística sem empecilhos oficiais; na indicação popular de candidatos aos cargos eletivos, na eleição direta e secreta dos governantes; no direito de contestar, criticar, reunir, realizar greves e manifestações públicas. Deve exprimir-se também em medidas destinadas a desarraigar resquícios da herança reacionária do colonialismo, do escravismo e dos restos feudais ainda vivos em muitos aspectos da vida política, social e cultural do país".

(Do documento CONQUISTAR A LIBERDADE POLÍTICA, ALCANÇAR UMA DEMOCRACIA POPULAR, de maio de 1976)

HOMENAGEM A MAURÍCIO GRABOIS

A. Câmara

Hoje, já não está conosco, contagiando-nos com seu entusiasmo, com seu humor e ironia, com seu otimismo revolucionário, o nosso querido camarada Maurício Grabois. Se vivo estivesse, comemoraríamos, talvez juntos, seu 66º aniversário, no dia 2 de outubro, e seus 46 anos de militância ininterrupta e conseqüente nas fileiras de nosso Partido, de seu Partido, sob a bandeira do qual lutou com abnegação sem limites e a toda a prova.

O camarada Maurício Grabois ingressou no Partido Comunista do Brasil antes de completar 20 anos, em 1932, quando aluno da Escola Militar. Desde então, dedicou a sua vida por inteiro à atividade partidária. Na Escola Militar e depois como simples soldado, foi um dos primeiros organizadores do Partido nas Forças Armadas. Tomou parte ativa nas jornadas do ano de 1934 contra o fascismo. Trabalhou infatigavelmente, ao longo de 1935, na criação e no fortalecimento do grande movimento revolucionário antiimperialista, antilatifundista e antifascista da Aliança Nacional Libertadora, sendo, já então, dirigente regional do Partido. Naquela época e posteriormente, sempre defendeu a gloriosa insurreição popular de novembro de 1935. Nos dez anos da ditadura de Vargas, nos quais, nós, os comunistas, enfrentamos uma selvagem repressão policial, desenvolveu, incansavelmente, atuação das mais relevantes. Preso no início de 1941, comportou-se com a dignidade de verdadeiro comunista, honrando esta nossa legenda heróica: PRIMEIRO O PARTIDO, DEPOIS TUA VIDA, SE POSSÍVEL. Já em julho de 1942, imediatamente ao sair da prisão, ocupou seu posto de combate, integrando o Secretariado Nacional Provisório do Partido, o qual teve como tarefa principal rearticular nacionalmente o Partido e realizar uma Conferência Nacional, sendo esta efetuada com pleno êxito em agosto de 1943, na serra da Mantiqueira, onde foi eleito membro do Comitê Central, da Comissão Executiva e do Secretariado do Comitê Central. Deputado comunista nas eleições de dezembro de 1945, foi líder da bancada do Partido na Câmara dos Deputados de 1946 a janeiro de 1948, quando a reação cassou os mandatos comunistas, desenvolvendo uma atividade parlamentar e extra-parlamentar de real destaque, revolucionária, no estilo leninista. Trabalhou ativamente como um dos relatores do Programa do Partido e também como um dos organizadores do seu IV Congresso, em novembro de 1954, no qual foi reeleito para o Comitê Central, a Comissão Executiva e o Secretariado do Comitê Central. Diante do surto revisionista kruschoviano, durante os anos de 1956 a 1960, manteve firme posição de defesa do marxismo-leninismo e do Partido e de luta contra as furiosas investidas de Prestes e sua camarilha de renegados, ocupando, neste combate, lugar proeminente. Considerável foi

sua atividade, tanto político-ideológica como prática, no trabalho de reorganização marxista-leninista do Partido de 1961 a 1962, contribuindo de forma destacada, juntamente com o camarada Amazonas, para o esclarecimento de importantes problemas da revolução brasileira e na elaboração do Programa do Partido, aprovado na Conferência Nacional Extraordinária de fevereiro de 1962. Valiosa foi também sua contribuição na elaboração da tática revolucionária do Partido, aprovada na VI Conferência Nacional de junho de 1966, o mesmo acontecendo em relação a outros documentos-básicos do Partido, como os Estatutos, Guerra Popular – Caminho da Luta Armada no Brasil, política e métodos de revolucionarização do Partido, 50 Anos de Lutas do PC do Brasil e seus principais ensina.nentos, Problemas Ideológicos da Revolução na América Latina. Desde a Revolução Cultural, na China, onde esteve por duas vezes, fazia sérios reparos ao que considerava erros de princípios nesse movimento e, a partir de 1970, criticava energicamente os desvios do PC da China, em particular, a aliança com os Estados Unidos. O nome de Maurício Grabois está ligado estreitamente ao órgão central do Partido Comunista do Brasil, A CLASSE OPERÁRIA, do qual foi diretor por um longo período.

O camarada Grabois sempre esteve na primeira linha de combate em todos os anos de lutas acirradas contra o revisionismo contemporâneo e pela consolidação das fileiras partidárias. Junto com o camarada Amazonas e ao lado dos camaradas Ângelo Arroio e Paulo Rodrigues, deu o melhor de sua capacidade e de suas energias revolucionárias na preparação da luta e na resistência armada do Araguaia. Ali esteve desde os primeiros momentos, ali conviveu com as massas exploradas e oprimidas e sentiu a sua grande revolta, ali atuou abnegadamente ombro a ombro com todos os camaradas, ali colaborou na elaboração de valiosos documentos políticos e militares, ali comandou as Forças Guerrilheiras do Araguaia, ali tombou como um bravo. Caíu com glória, caíu de arma na mão naquele campo de batalha da luta de classes, no Araguaia – ponto alto de referência da luta revolucionária libertadora de nosso povo.

Maurício Grabois – Abel, Mário, Freitas, Chico, Velho, mil nomes num só dirigente comunista exemplar, num só camarada e amigo, de dedicação e solicitude a toda a prova, honrado, leal, altivo, valoroso. O Partido foi a razão primeira de sua vida. É sob a direção de líderes como foi o camarada Maurício Grabois, com seu talento e seu imenso coração, com suas convicções marxistas-leninistas e seus sentimentos revolucionários proletários, que a nossa classe operária e o nosso povo, guiados por nosso Partido, serão vitoriosos na luta pela libertação nacional e social, pelo socialismo e pelo comunismo.

Inteligência brilhante, propagandista de idéias lúcidas, agitador apaixonado, polemista por excelência, tático de rara sensibilidade, homem de Partido, arguto e ágil no pensar e no agir, Maurício foi um comunista de verdade. Incansável, infundindo confiança, jamais se dobrou às dificuldades, nunca temeu sacrifícios e riscos nem pensou em si mesmo ou em comodidades – tal a constante de sua vida generosa.

O dirigente comunista se forja todos os dias e amadurece a cada prova que lhe oferece a vida partidária. Quanto mais duros os embates e mais difíceis as provas porque passa, mais experimentado, corajoso e imbatível se torna. Na ação e só na ação revolucionária a serviço do proletariado e do Partido, no fragor das batalhas renhidas da

luta de classes se forma e se tempera o comunista. É uma luta que se pode comparar a do bom forjador que sabe que o ouro tanto mais se purifica quanto mais forte e mais longa for a prova do fogo. A lúcida consciência de realizar em qualquer circunstância seu dever de soldado do Partido, de dar tudo pelo Partido, inclusive a própria vida, suas profundas convicções políticas e ideológicas, seu valor moral, ao longo de anos e anos de fiel cumprimento das responsabilidades partidárias e do estudo do marxismo-leninismo, sua vontade inabalável de revolucionário proletário, forjaram no camarada Maurício Grabois um dos mais belos e íntegros caracteres de comunista que registra a história de lutas de nosso Partido. Sua conduta, sua ação, sua vida de lutador indomável refletem as melhores tradições revolucionárias do Partido da classe operária, o PC do Brasil. Deixou-nos, como exemplo a seguir, o heróico espírito do Araguaia, que encarna a combatividade revolucionária-proletária do nosso Partido.

Fraternal com seus camaradas, fossem eles dirigentes ou simples militantes, amigo leal de seus leais amigos, irreconciliável inimigo dos inimigos do Partido, dos traidores do marxismo-leninismo, da revolução, do socialismo e do comunismo, ele mostrou, com a sua vida, que o dever e a honra de um comunista, manifestados no dia a dia da luta de classes, adquirem a estrutura de mandamento e passam a ser exemplo que ficam para sempre, sem a marca do tempo. Sua atividade edificante de dirigente do Partido não se apagará jamais em nosso espírito de comunistas, viverá para sempre no coração generoso dos operários, camponeses e estudantes brasileiros. Seu nome está na galeria dos grandes heróis de nosso povo, junto aos de muitos outros comunistas e revolucionários desprendidos e conseqüentes. Sua existência será fonte de inspiração constante a nos incitar a sermos ilimitadamente fiéis aos nobres e belos ideais comunistas, pelos quais lutou de corpo e alma a vida inteira. Por seu exemplo, o camarada Grabois mostrou que os ideais comunistas não são metais que se fundem. Ao defender intransigentemente as tradições heróicas de nosso Partido, levou adiante a causa da classe operária, do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

O verdadeiro heroismo, o heroismo proletário, em verdade, só emerge com força e se impõe em toda a sua plenitude quando se ergue a gloriosa bandeira vermelha do Partido Comunista. Levantemos sempre mais alto a bandeira de combate do camarada Maurício Grabois, que nunca foi outra senão a do PC do Brasil, exemplo vivo de vanguarda marxista-leninista da classe operária, guia e esperança do povo brasileiro. E sob esta gloriosa bandeira, avancemos ainda mais confiantes para novos combates, a fim de conquistarmos maiores vitórias.

Com os punhos cerrados e em silêncio, lembremos o nome do camarada Maurício Grabois, comandante das heróicas Forças Guerrilheiras do Araguaia. Em sua honra juremos lutar com maior força e a vida inteira pela sua causa, pela causa invencível do marxismo-leninismo e do Partido Comunista do Brasil.